

Características de personalidade e motivos que levam acadêmicos a optar pelo referencial teórico humanista na prática terapêutica

Elza Queli Valduga**
Verena Augustin Hoch**

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender os motivos que levam acadêmicos a optar pelo referencial teórico humanista, além de verificar se existe alguma característica de personalidade em comum entre as pessoas do grupo de acadêmicos que participaram deste estudo. Para as características de personalidade, utilizou-se o método quantitativo e, como instrumento para a coleta de dados, o teste Inventário Fatorial de Personalidade (IFP). Para estudar os motivos relatados pelos acadêmicos, utilizou-se o método qualitativo fenomenológico e, como instrumentos para a coleta de dados, a Versão de sentido e a entrevista com uma pergunta de fim aberto: que motivos levaram você a optar pelo referencial teórico humanista como embasamento para a sua prática terapêutica? Participaram deste estudo 14 acadêmicos pertencentes ao oitavo e décimo períodos. Foi possível observar pontos centrais que motivaram a escolha pelo Humanismo: a teoria da psicoterapia; características de história pessoal; influências externas e possibilidades em relação à prática dessa abordagem. Também, foi possível identificar características de personalidade semelhantes entre os participantes: são extraceptivos, desejam ajudar e não controlar os outros, possuem baixa autoestima, são persistentes e não gostam de mudanças.

Palavras-chave: Personalidade do psicoterapeuta. Abordagem Centrada na Pessoa. Pesquisa fenomenológica. Versão de sentido. Inventário Fatorial de Personalidade.

1 INTRODUÇÃO

Em relação aos acadêmicos de Psicologia, percebe-se que inúmeros e variados são os questionamentos que os inquietam, um deles diz respeito a como aprender a ser um psicoterapeuta competente. Cardella (2002) afirma que a tarefa de ser um psicoterapeuta não é algo de fácil definição. Para a autora, somente aqueles que vivenciam a experiência de cliente e psicoterapeuta é que realmente entendem o verdadeiro alcance da psicoterapia.

No saber psicológico, existem diversas linhas teóricas que embasam o trabalho do psicólogo. Cada uma possui método próprio para a realização do atendimento psicoterápico. A opção teórica é imprescindível ao profissional de Psicologia, e essa escolha, para os acadêmicos, ocorre já no estágio clínico. Essa decisão, muitas vezes, torna-se uma tarefa extremamente difícil para o estagiário, pois muitos são os referenciais em questão. Dessa forma, tornou-se de extrema relevância um estudo direcionado ao tema. As questões que nortearam

* Formanda do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de São Miguel do Oeste.

** Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Psicóloga; professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de São Miguel do Oeste; Coordenadora do Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade do Oeste de Santa Catarina *Campus* de São Miguel do Oeste.

este estudo são as seguintes: existe alguma característica de personalidade em comum entre as pessoas do grupo de acadêmicos que optaram pelo referencial teórico humanista na prática clínica? Que motivos levam os acadêmicos a optar por esse referencial?

2 HUMANISMO

O referencial teórico humanista interessa-se pela natureza do homem, de modo especial, pelo seu potencial positivo. Tem como enfoque a humanização da psique, e considera o homem detentor de sua liberdade e de seu poder de escolha, consituindo-se, assim, em um ser em constante processo de construção (FRICK, 1975).

Essa corrente admite a existência de uma tendência à autorrealização humana, tendência atualizante (JUSTO, 1987). Essa tendência é considerada fundamental na totalidade do organismo (ROGERS; ESTEVENS, 1977).

2.1 ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP)

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) possui como objetivo maior independência e integração do indivíduo; ele aprende a se conhecer, a optar de maneira independente e significativa, e o foco é o próprio indivíduo e não o problema apresentado. A intenção não é a solução de um problema em particular (ROGERS et al., 1983).

De acordo com a ACP, são três as atitudes facilitadoras que devem estar presentes para que seja proporcionado um clima facilitador de crescimento e para que ocorra a cura e o desenvolvimento no processo terapêutico (SANTOS; ROGERS; BOWEN, 2004). As atitudes são: congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática (ROGERS et al., 1983).

A congruência pressupõe que o terapeuta deve ser ele mesmo na relação terapêutica. Quanto mais for ele mesmo na relação com o cliente, maior será a probabilidade de que ele mude e cresça de maneira construtiva (ROGERS et al., 1983).

A segunda atitude facilitadora constitui a consideração positiva incondicional. O psicoterapeuta deve possuir um respeito profundo pelo seu cliente, não colocando nenhuma condição prévia, aceitando-o como ele é (SANTOS; ROGERS; BOWEN, 2004).

A terceira atitude facilitadora é a compreensão empática, que é a capacidade de o terapeuta se colocar verdadeiramente no lugar do seu cliente (ROGERS; ESTEVENS, 1977).

A ACP ficou qualificada como um processo terapêutico não diretivo (SANTOS; ROGERS; BOWEN, 2004), em virtude de sua ausência das variadas formas de direção (perguntas, interpretações, conselhos, entre outros) (ROGERS; ESTEVENS, 1977). A terapia é dirigida pelo cliente ou centrada no cliente, já que é ele quem assume toda a direção que for necessária (ROGERS, 2005).

Os autores contemporâneos sublinham a importância da relação entre terapeuta e cliente (ROGERS; ESTEVENS, 1977). Essa relação terapêutica configura-se em uma experiência de crescimento. Não se podem ver as atitudes presentes na relação terapêutica como simples técnicas ou ferramentas, uma vez que a essência desse processo se encontra na relação estabelecida (YALOM, 1991 apud HOCH, 2002).

3 MÉTODO

Utilizaram-se dois métodos de pesquisa: qualitativo e quantitativo.

A pesquisa quantitativa é caracterizada pela utilização da quantificação, que ocorre tanto na coleta de informações quanto no tratamento mediante técnicas estatísticas (RICHARDSON, 2008). O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o Inventário Fatorial de Personalidade (IFP).

O método de pesquisa qualitativo escolhido foi o fenomenológico, já que o Humanismo tem como base os pressupostos fenomenológicos (HOCH, 2002). A fenomenologia, segundo Forghieri (2004), é caracterizada por um estudo da vivência que a pessoa tem; considera a vivência do participante, suas percepções, experiências de mundo, sentimentos e formas de atuação.

3.1 PARTICIPANTES E COLETA DE DADOS

Participaram deste estudo 14 acadêmicos do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) *Campus* de São Miguel do Oeste, do oitavo e décimo períodos; receberam pseudônimos para que não fosse possível suas identificações.

Na pesquisa quantitativa, foi aplicado o Teste de Personalidade Inventário Fatorial de Personalidade (IFP), nas dependências da Universidade do Oeste do Oeste de Santa Catarina, sendo aplicado de forma individual e em duplas, com duração de, aproximadamente, 45 minutos cada aplicação. A análise dos resultados foi realizada segundo o manual de interpretação do IFP.

Para a coleta de dados na pesquisa fenomenológica, foram realizadas entrevistas nas quais os participantes responderam a uma pergunta de fim aberto: que motivos levaram você a optar pelo referencial teórico humanista como embasamento para a sua prática terapêutica? Todas as entrevistas foram realizadas individualmente.

De posse das entrevistas transcritas, foi realizada uma leitura e análise do material de forma geral. Posteriormente, o material foi dividido em unidades de significado. Depois dessa divisão, foram extraídas as essências de cada unidade de significado. Após esses procedimentos, foi realizada uma síntese das essências encontradas para a apresentação e discussão dos resultados.

Além da gravação das entrevistas, foi utilizada como ferramenta na coleta de dados a versão de sentido, que constitui um relato livre e espontâneo do psicoterapeuta, da experiência vivenciada, relatada logo após o término da sessão (AMATUZZI, 1995).

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No saber psicológico, diversas são as linhas teóricas que embasam o trabalho do psicólogo clínico, distintas são suas formas de abordagens e vários são os fatores que influenciam na escolha do acadêmico pelo referencial teórico.

4.1 RESULTADOS OBTIDOS POR MEIO DA APLICAÇÃO DO IFP

Com base nos resultados do IFP, pode-se afirmar que esse grupo de acadêmicos pesquisado se deixa determinar por condições concretas. Não busca apoio e proteção, mas gosta de dar e receber afeto de amigos. Não se caracteriza pela ambição e não deseja controlar o comportamento dos outros. Gosta de elogiar e honrar os superiores, bem como obedecê-los.

Uma parcela desses participantes não possui a tendência ou o desejo de se submeter à força externa; outra parte deles, em igual proporção, possui esse fator presente na personalidade. Gosta do que é rotineiro e fixo. A maioria não gosta de fascinar as pessoas; possui, de forma representativa, em índice nem alto, nem baixo, desejos e sentimentos de piedade. Apresenta tendência em colocar todas as coisas em ordem, finalizando qualquer trabalho iniciado.

Em relação à heterossexualidade, uma parcela dos participantes não possui o fator heterossexualidade presente em sua personalidade, ou seja, não possui fascínio por sexo ou assuntos afins. Já outra parcela, com a mesma proporção, possui esse fator bem presente.

Comparando os resultados obtidos em alguns fatores do IFP: exibição, com escore fraco; deseabilidade social apresentando escore alto; autonomia, escore baixo; deferência, escore forte; pressupõe-se que os participantes deste estudo possuem baixa autoestima.

4.2 RESULTADOS OBTIDOS MEDIANTE ENTREVISTA E VERSÃO DE SENTIDO

Ao analisar as entrevistas, destacam-se quatro pontos centrais que motivaram os participantes à escolha da teoria humanista. Em primeiro lugar, a teoria da psicoterapia parece ter sido o fator motivador inicial. Em segundo momento, referem-se a uma característica da história pessoal que vai ao encontro da teoria humanista. Um terceiro ponto levantado é a insatisfação com outras teorias e a influência dos profissionais humanistas. Por fim, podem-se destacar pontos em que o acadêmico refere como motivadores de continuidade da escolha teórica.

4.2.1 A teoria da psicoterapia como motivador da escolha

4.2.1.1 Tendência atualizante

Para Rogers (2005), toda pessoa possui dentro de si inúmeros recursos para sua autocompreensão e para alterar atitudes e formas de agir; esses recursos somente podem ser ativados se for proporcionado um clima de atitudes psicológicas facilitadoras; “[...] acreditar no ser humano e na capacidade que ele tem dentro de si [...] que o ser humano é autossuficiente e capaz de crescer, de se desenvolver [...]” (informação verbal)¹.

4.2.1.2 Pessoa boa em essência

A crença de que a pessoa é boa em essência também constitui um pressuposto importante aos acadêmicos. O Humanismo interessa-se pela natureza do homem, de modo especial, pelo seu potencial positivo (FRICK, 1975). Essa visão é trazida pelos participantes; enfatizam o fato de que essa crença é um aspecto pessoal: “[...] coisas que vinham antes de eu conhecer a Psicologia, que tem a ver com o Humanismo [...] esse lado de acreditar que a pessoa é boa, esse lado bondoso das pessoas [...]” (informação verbal)².

4.2.1.3 Não diretividade

Outro pressuposto básico da teoria humanista apontado pelos participantes como fundamental para o Humanismo compreende a não diretividade, na qual a terapia é dirigida pelo cliente, já que é ele quem assume toda a direção que for necessária (ROGERS, 2005); “[...] eu não me vejo sendo diretivo com a pessoa, eu não me vejo dessa forma, fazendo perguntas em cima de perguntas pra pessoa.” (informação verbal)³.

4.2.1.4 Atitudes facilitadoras

A primeira atitude facilitadora é a congruência (ROGERS, 1983), “[...] que te permite ser o que tu é [...] apesar que isso não é tão fácil [...]” (informação verbal)⁴.

A segunda atitude facilitadora citada pelos entrevistados diz respeito à consideração positiva incondicional (ROGERS; ESTEVENS, 1977). O terapeuta deve possuir um respeito profundo pelo seu cliente, aceitan-

do-o como ele é (SANTOS; ROGERS; BOWEN, 2004). Aceitá-lo, da forma como ele se revelar, é essencial no processo terapêutico: “[...] esse poder aceitar as pessoas do jeito que elas são [...] tu considera ela, tu aceita ela [...]” (informação verbal)⁵.

A terceira atitude facilitadora trazida é a compreensão empática. É imprescindível que o terapeuta consiga se colocar no lugar do seu cliente: “[...] me colocar no lugar do outro [...] de certa forma assim, me colocar no lugar do outro [...]” (informação verbal)⁶.

4.2.1.5 Desenvolvimento da atitude de escuta

A atitude do terapeuta em ouvir o cliente é um ponto crucial enfatizado pelos participantes. O profissional de Psicologia deve ouvir atentamente seu cliente, sem formar opinião, tampouco respostas para o que ele afirma e, também, sem tentar modificar o que a pessoa vive no momento; “[...] assim, por ouvir mais, por ter disposição pra mais ouvir a pessoa [...]” (informação verbal)⁷.

4.2.1.6 Relação terapeuta-cliente

A relação entre o terapeuta e o cliente é muito valorizada pelos participantes; para eles, o contato estabelecido com o outro é muito importante. É necessário que, nessa relação, ocorra envolvimento do cliente e, também, envolvimento pessoal do terapeuta: “[...] tu facilita isso, e isso é bonito, é isso que eu acho lindo na abordagem, tu tá ali como um facilitador, e toda a relação [...] a pessoa se ajuda e acaba te ajudando também [...] esse florescer, tanto do cliente como do terapeuta em si [...]” (informação verbal)⁸.

4.2.1.7 Atmosfera terapêutica

A atmosfera terapêutica também é considerada importante no relato dos acadêmicos. O real valor do fator “atmosfera” é percebido com maior ênfase no início da relação terapeuta-cliente. Ela deve estar repleta de segurança e calor (ROGERS; ESTEVENS, 1977), “[...] mas dando uma segurança pro outro poder se resolver [...]” (informação verbal)⁹, “[...] e na abordagem eu encontrei calor.” (informação verbal)¹⁰.

4.2.1.8 Valorização dos sentimentos

A ênfase nos sentimentos também é um fator importante para esses humanistas, já que a teoria acentua os elementos emotivos, os aspectos afetivos da situação; “[...] porque antes de qualquer coisa, não trabalha nem comportamento, nem pensamento [...] eu acho que primeiro tem que vir o coração [...] acho que por isso é que eu me interessei mais.” (informação verbal)¹¹.

4.2.1.9 Valorização do aqui-agora

A teoria acentua, com mais ênfase, a situação imediata do cliente do que o passado (ROGERS, 2005), promovendo um aspecto com o qual os acadêmicos se identificaram: “[...] é o que tem hoje, o que ele traz hoje e o que acontece [...] deixar acontecer o que ele traz hoje, o que vem, acontece [...]” (informação verbal)¹².

4.2.1.10 Valorização do lado humano

Esse ponto parece focalizar a valorização do ser humano em oposição à atitude de focalizar no diagnóstico, a pessoa está em primeiro lugar; a ênfase da psicoterapia não está em se fazer um diagnóstico sobre a doença ou o distúrbio. "Me identifiquei com esse lado da pessoa humana, acho que todos os humanistas têm [...]" (informação verbal)¹³.

4.2.1.11 Busca de maior conhecimento sobre o Humanismo

Ainda é muito presente nos participantes a necessidade de conhecimento, uma vontade de se aprofundar cada vez mais nesse aporte teórico. "[...] fui atrás de livros [...] por interesse próprio [...] de ir atrás e descobrir um pouco do que era essa abordagem, a ACP [...] enfim, eu estou sempre buscando sobre a abordagem [...]" (informação verbal)¹⁴.

4.2.2 Característica pessoal

4.2.2.1 Sensibilidade e desejo de ajuda

Outra característica dos entrevistados compreende a vontade de ajudar o outro. A importância do cuidado e da ajuda ao outro parece ser uma forte característica no jeito de ser dos participantes.

[...] sempre teve esse lado de tu querer ajudar [...] nem que tu saia perdendo você sempre acaba ajudando, tu pensa bastante nos outros [...] eu sempre penso no outro primeiro, pra ajudar o outro, acho que todos os humanistas, a maioria que eu conheço tem essa característica de ajudar o outro, de pensar sempre bastante no outro [...] (informação verbal)¹⁵.

4.2.3 Influências externas

4.2.3.1 Insatisfação com outras teorias

Outro fator mencionado pelos acadêmicos que contribuiu na escolha pelo Humanismo foi a insatisfação, o inconformismo com os outros referenciais teóricos, com seus pressupostos básicos: "[...] antes de conhecer a ACP, ficava me perguntando: não quero ser esse tipo de psicólogo da Psicanálise ou Comportamental, faltava alguma coisa, que eu encontro na abordagem [...]" (informação verbal)¹⁶.

4.2.3.2 Influência de profissionais

Os acadêmicos, além de toda a identificação que tiveram com o referencial teórico humanista, trazem, também presente, uma influência na escolha desse referencial, influência que eles atribuem a duas professoras da graduação: "[...] depois que a professora (x) [...] veio pra cá [...] aconteceu alguma coisa sabe [...] foi um tempo assim bem grande que eu tive contato com Rogers [...] com a abordagem [...]" (informação verbal)¹⁷.

4.2.4 O que a prática desse referencial possibilita

4.2.4.1 A possibilidade de desenvolver seu jeito de ser como psicoterapeuta

Essa teoria possibilita que cada um desenvolva o seu jeito de ser, as atitudes necessárias para a facilitação dentro do jeito de ser de cada terapeuta. A prática faz sentido na vida desses terapeutas. A teoria partiu da experiência e é para a experiência que o terapeuta deve retornar para poder facilitar. “Sim, como eu te falei, parece que a abordagem foi feita pra mim, pros meus ideais, pros meus princípios [...]” (informação verbal)¹⁸.

4.2.4.2 Convicção sobre o referencial teórico

Toda essa identificação que os acadêmicos tiveram com o referencial teórico humanista proporcionou a eles uma certeza sobre a opção que realizaram; essa crença é tão intensa que os pressupostos básicos são levados para fora do consultório, para suas vidas pessoais. “Sim eu levo pra minha vida também, porque não tem como tu tá aplicando essa teoria só dentro do consultório, eu acho que se tu não vivenciar isso na sua vida fica meio vago.” (informação verbal)¹⁹.

4.2.5 Versão de sentido

Na versão de sentido é evidente a convicção que os acadêmicos possuem em relação ao Humanismo como aporte teórico para a prática terapêutica. É claramente visível que eles não encontraram somente uma teoria, encontraram-se – encontraram um aporte que permite que eles sejam quem realmente são. Encontraram algo em que acreditam porque vivenciam a teoria diariamente, tanto no aspecto pessoal quanto no profissional.

4.2.6 Um comparativo entre as diferentes formas de investigação

Nos resultados obtidos no IFP, foi possível compreender que esse grupo de acadêmicos apresenta grandes desejos e sentimentos de piedade, compaixão e ternura, o que remete e confirma os resultados obtidos nas entrevistas e nas versões de sentido, nas quais os participantes apresentaram grande desejo em ajudar e cuidar do outro.

A identificação com o pressuposto da não diretividade também ficou visível nos resultados apresentados pelo IFP, já que os participantes não expressam o desejo de controlar o comportamento dos outros – o que vai ao encontro da não diretividade.

O fato de esse grupo de acadêmicos se deixar determinar por condições concretas possui ligação com os resultados obtidos nas entrevistas e versões de sentido, já que um dos fatores que influenciou na escolha da teoria diz respeito à vivência desta como real.

Além de fatores e informações que se complementam, há resultados que se contradizem. Em um dos resultados obtidos com o IFP, apresentou-se o fato de os participantes gostarem do que é rotineiro e fixo, o que contradiz, sob certo aspecto, os pressupostos humanistas – já que nessa teoria, até mesmo pelo seu aspecto não diretivo, na relação terapêutica, o terapeuta trabalha com o imprevisto, com o que o cliente traz, tendo de lidar com o novo e o inesperado – a relação terapêutica torna-se uma experiência única. Pressupõe-se que os participantes, na relação psicoterapêutica, preferiram experienciar o novo, o imprevisto, vivenciando uma relação totalmente oposta a que habitualmente estão acostumados.

Outro fator contraditório é sobre a desejabilidade social presente no IFP. Nesse fator, os participantes tentaram se mostrar de forma diferente da que realmente são. Nas entrevistas, trouxeram o oposto, enfatizando o fato de o Humanismo possibilitar que eles utilizem o seu jeito de ser nos atendimentos – sendo eles mesmos no processo terapêutico. Esse resultado é intrigante, pois os participantes trouxeram tão presente a questão de o humanismo permitir que eles fossem verdadeiros; ao mesmo tempo, no IFP, tentaram se mostrar de maneira oposta. Algumas hipóteses podem ser levantadas, talvez a mais central seja de que, na relação terapêutica, eles podem ser quem são, já que em psicoterapia não são julgados, ao contrário, são estimulados a permanecerem com seus próprios jeitos. Pressupõe-se que esses acadêmicos não estejam conseguindo ser eles mesmos no contexto social, e a relação terapêutica acaba sendo um facilitador para o jeito de ser.

Quando iniciam a prática no Humanismo, são valorizados pelo que são, são estimulados para que desenvolvam cada um seu próprio estilo de ser psicoterapeuta – sentem-se valorizados e passam a se valorizar. Por outro lado, encontrar-se na abordagem desenvolve o próprio jeito de ser – traz segurança, resultado evidente encontrado neste estudo. A segurança adquirida na prática psicoterapêutica é também a segurança em relação à escolha da linha – esses psicoterapeutas passam a ter certeza do que querem.

5 CONCLUSÃO

O ser humano está sempre em construção – transforma-se graças à tendência atualizante. Esse ser que cativa não possui definição, pois não se restringe a uma atitude, comportamento ou sentimento; é um conjunto de fatores, uma construção de tudo o que ocorreu em sua vida, enfim, é difícil, ou mesmo impossível defini-lo, e qualquer definição seria vaga e insuficiente – apontaria apenas um fator em relação a ele, não o englobando como um organismo completo.

Em relação à escolha pelo referencial teórico humanista, realizada pelo grupo de acadêmicos que participou deste estudo, identificam-se vários motivos para essa opção – motivos que se assemelham uns aos outros e podem ser nomeados de forma idêntica por todos os participantes, porém, para cada um deles, há características e significados particulares. Cada um tem a possibilidade de encontrar seu jeito de ser na escolha teórica e pode utilizar, também, de forma única, esse referencial para transformar-se, para crescer como pessoa e profissional.

A personalidade também é pessoal, pois é construída durante todo o percurso que a pessoa realiza em sua vida; por isso, é impossível comparar pessoas. O máximo que se pode fazer é identificar traços comuns entre as pessoas ou características semelhantes, mas não é possível ter uma visão concreta a respeito de cada indivíduo.

Personality characteristic and reasons for taking the students to opt for theoretic humanist referential, for your therapeutical practice

Abstract

This study has had as objective to understand the reasons for taking the students to opt for theoretic humanist referential, besides checking if exist some personality characteristic in common among people from the students group that have taken part this study. For the personality characteristics it was used the quantitative method and as instrument for data collection it was used the IFP test – Personality Factorial Inventory. To study the option related by students it was used the fenomenological qualitative method, and as a tool for data collection, were used the sense version and the interview with a question open to all. Which reasons have taken you to opt by theoretic humanist referential as a guide for your therapeutical practice? Fourteen students from the 8th and 10th semesters have taken part this study. It was possible observing central points that have influenced the choose by

Humanism: the psycoteraphy theory; The personal story characteristic; external influences and possibilities in relation to practice this approach. It has been possible identifying similar personality characteristic among the participants: they are realistic and rational, want to help and don't control the others, they have a low self steem, are insist on doing something and don't like changes.

Keywords: Psychotherapist personality. Person Centred Approach. Fenomenological research. Sense version. Personality Factorial Inventory.

Notas explicativas

- ¹ Fornecida por Otávio aos pesquisadores.
- ² Fornecida por Júlia aos pesquisadores.
- ³ Fornecida por Pedro aos pesquisadores.
- ⁴ Fornecida por Júlia aos pesquisadores.
- ⁵ Fornecida por Júlia aos pesquisadores.
- ⁶ Fornecida por Natália aos pesquisadores.
- ⁷ Fornecida por Verônica aos pesquisadores.
- ⁸ Fornecida por Júlia aos pesquisadores.
- ⁹ Fornecida por Cleidi aos pesquisadores.
- ¹⁰ Fornecida por Júlia aos pesquisadores.
- ¹¹ Fornecida por Pedro aos pesquisadores.
- ¹² Fornecida por Samara aos pesquisadores.
- ¹³ Fornecida por Samara aos pesquisadores.
- ¹⁴ Fornecida por Otávio aos pesquisadores.
- ¹⁵ Fornecida por Samara aos pesquisadores.
- ¹⁶ Fornecida por Júlia aos pesquisadores.
- ¹⁷ Fornecida por Natália aos pesquisadores.
- ¹⁸ Fornecida por Júlia aos pesquisadores.
- ¹⁹ Fornecida por Verônica aos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Descrevendo processos pessoais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 65-79, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://www.biblioteca.ricesu.com.br/art_link.php?art_cod=2739>. Acesso em: 10 set. 2008.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A construção do psicoterapeuta – uma abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 2002.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FRICK, Willard B. **Psicologia Humanista – entrevista com Maslow, Murphy e Rogers**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

HOCH, Verena A. **A percepção do cliente sobre a relação terapêutica na terapia centrada no cliente**. Dissertação (Mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

JUSTO, Henrique. **Cresça e faça crescer – lições de um dos maiores psicólogos**: C. Rogers. Canoas: La Salle, 1987.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROGERS, Carl Ranson; ESTEVENS, Barry. **De pessoa para pessoa**: o problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia. São Paulo: Pioneira, 1977.

_____. **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU, 1983.

ROGERS, Carl Ranson et al. **Em busca de vida**: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983.

_____. **Psicoterapia e consulta psicológica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, Antonio Monteiro dos; ROGERS, R.; BOWEN, Maria Constança Villas-Boas. **Quando fala o coração**: a essência da psicoterapia centrada na pessoa. São Paulo: Vetor, 2004.